

EDITORIAL

Em 18 de novembro deste ano estaremos celebrando os 200 anos da morte de Antônio Francisco Lisboa, mais conhecido como Aleijadinho, maior escultor do período colonial de Minas e do Brasil. Ele é o autor de obras de extraordinária importância, como as cenas da Paixão de Cristo, em madeira policromada, e os profetas em pedra sabão de Congonhas; os riscos das Igrejas de São Francisco de Assis em Ouro Preto e de São Francisco e Nossa Senhora do Carmo em São João del-Rei. Muitas atividades culturais estão sendo a ele dedicadas, como exposições, palestras e publicações sobre sua vida e sua obra. Dois livros foram lançados recentemente: *O Aleijadinho revelado: Estudos históricos sobre Antônio Francisco Lisboa*, de autoria do promotor e pesquisador, Marcos Paulo de Souza Miranda, e *Antônio Francisco Lisboa* do professor emérito da Escola de Arquitetura da UFMG e pesquisador bastante conhecido, Ivo Porto de Menezes. O Centro de Estudos da Imaginária Brasileira, (Ceib), tem a satisfação de participar dessas celebrações, com a publicação, neste número do **Boletim do Ceib**, do artigo *Em torno do nascimento de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho*, de autoria de Célio Macedo Alves, pesquisador e professor da Universidade Federal de Ouro Preto. Essas publicações se completam, trazendo importantes indagações e respostas sobre vida e obra do Mestre Aleijadinho.

INFORMAÇÃO IMPORTANTE

O mandato da atual diretoria do Centro de Estudos da Imaginária Brasileira termina no dia 29 de outubro deste ano de 2014.

Os sócios interessados em fazer parte da nova diretoria, especialmente os que residem em Belo Horizonte ou na região metropolitana, deverão inscrever-se através do correio eletrônico até o dia 29 de setembro, apresentando curriculum vitae resumido.

Os cargos são: presidente e vice-presidente; 1ª e 2ª-secretária(o); 1ª e 2ª tesoureira(o).

EM TORNO DO NASCIMENTO DE ANTÔNIO FRANCISCO LISBOA, O ALEIJADINHO

Célio Macedo Alves*

Foto: Beatriz Coelho



Figura 1 - Basílica do Bom Jesus de Matosinhos. Profetas: Antônio Francisco Lisboa, 1799/1801. Congonhas, Minas Gerais.

Resumo: o objetivo deste artigo é apresentar e analisar algumas provas documentais que possam refutar a data de nascimento de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, em 29 de agosto de 1730, como admite Rodrigo Ferreira Bretas em artigo biográfico sobre o artista publicado no ano de 1858.

Palavras-chave:

Aleijadinho, biografia, arte colonial, provas documentais, data de nascimento.

O ano de 2014 é muito significativo para a história da arte colonial mineira, já que nele se comemora os duzentos anos da morte de Antônio Francisco Lisboa, um dos maiores escultores da história da arte mundial. Neste aspecto, aliás, Aleijadinho pode ser igualado aos grandes mestres da escultura de todos os tempos, como Donatello, Benvenuto Cellini, Giovanni de Bologna, Bernini, Miguel Ângelo, Rodin, entre tantos outros mestres. No entanto, apesar de bastante estudado na historiografia da arte, facetas de sua vida social e artística encontram-se ainda envoltas por densas nuvens de

incertezas. Sendo assim, muitas são as dúvidas quanto ao seu nascimento, à sua filiação paternal e maternal, ao seu aprendizado, à sua doença e mesmo à sua produção artística, cujo estabelecimento de uma cronologia plausível ainda é uma tarefa bastante espinhosa para os pesquisadores e historiadores da arte.

A intenção desse texto não é procurar desatar todos os nós que envolvem essa espetacular história, mas tão somente lançar luz sobre qual seria a provável data de nascimento do artista. Afinal de contas, Aleijadinho nasceu em 1730 ou em 1738? Apesar de haver hoje um consenso nesse último marco, alguns estudiosos e mesmo alguns compêndios de história da arte brasileira ainda se mantêm fiel à primeira data.

O primeiro esboço de uma biografia do famoso artista mulato mineiro, veio à tona no século XIX, quando fatos de sua vida ainda se encontravam frescos na memória dos moradores de Ouro Preto, onde nasceu e faleceu Aleijadinho. Trata-se do

Foto: Beatriz Coelho



Figura 2 - Capela da Ordem Terceira de São Francisco de Assis. Antônio Francisco Lisboa, O Aleijadinho. Ouro Preto, Minas Gerais.

Traços Biographicos relativos ao finado Antônio Francisco Lisboa, publicado pela primeira vez no Correio Oficial de Minas, edições de n^{os} 169 e 170, no ano de 1858, e escrito por Rodrigo Ferreira Bretas (que não assina o artigo), que se inicia com a afirmação de que “Antônio Francisco Lisboa nasceu a 29 de agosto de 1730 no arrabalde desta cidade que se denomina – o Bom Sucesso, pertencente à freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias, filho natural de **Manuel Francisco da Costa Lisboa**, distinto architecto portuguez, teve por mãe uma africana, ou crioula, de nome Izabel, e escrava do mesmo Lisboa que o libertou

por ocasião de fazel-o baptizar. (destaque nosso)”

Na mesma biografia, porém na parte publicada na edição de n^o 170, Bretas, em nota, acrescenta que “Embora a diferença de agnome há fundamento para dizer-se que o nome Manoel Francisco Lisboa e o de Manoel Francisco da Costa que se acha no assento de Baptismo relativo ao Aleijadinho pertencem ao mesmo indivíduo. No dito assento suprimiu-se o cognome Lisboa, e no trecho que se transcreve acima o agnome Costa. O nome do pai do Aleijadinho era Manoel Francisco da Costa Lisboa. Localizado tempos depois, o referido assento de

batismo consta o seguinte: “Aos vinte e nove dias do mês de Agosto de mil setecentos e trinta nesta Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição com licença minha Baptizou o reverendo Padre João de Brito a Antônio, filho de Izabel Escrava de **Manoel Francisco da Costa** do Bom Sucesso, e lhe pôs os sanctos óleos, e deu o dito seo Senhor por forro; foi padrinho Antônio dos Reys, de que fiz este assento dia e data supra, o Vigário Simão Félix Simão de Paiva.” (MARTINS, 1974, vol. 1, p. 385 – destaque nosso)

Observa-se então que Bretas, em sua biografia, acrescenta deliberadamente ao nome Manoel Francisco da Costa, que consta do assento, o cognome Lisboa, por entender se tratar da mesma pessoa. Assinala-se aqui que “Lisboa”, em verdade, não é um nome de família, mas, como era de costume à época, apenas um indicativo do local de origem do indivíduo.

Ainda sobre esse assunto, deve-se assinalar que a referência ao nome de Manuel Francisco, no batismo da criança Antônio, cuja mãe se chama Isabel, sua escrava, não significa, de maneira alguma, que este seja o pai, ainda que das entrelinhas se possa inferir essa suposição. A legislação eclesiástica determinava que os senhores deveriam levar ao batismo, as crianças escravas de sua prole, antes dos sete anos, mesmo que os pais não consentissem. É de crer, então, que Manuel Francisco estivesse apenas cumprindo a lei religiosa, agindo assim como um bom e correto católico.

Outro aspecto a ser destacado no assento de batismo, é que nele fica declarado que o senhor, no caso o Manuel Francisco da Costa, concede o *status* de forro ao menino. Na verdade, isso é um ato de reconhecimento expresso do senhor, dono da mãe da criança. Mas podia ser também uma vontade do padrinho ou da madrinha. Isto porque, até a promulgação da Lei do Ventre Livre, pela princesa Isabel, em 1871, o filho nascido do fruto de um relacionamento entre uma escrava e seu dono adquiria o mesmo *status* da mãe, ou seja, de viver na escravidão. Por fim, outra dúvida gerada pelo assento diz respeito à data do documento, 29 de

Foto: Beatriz Coelho



Figura 3 - São João da Cruz. Escultura em madeira policromada 162cm. Aleijadinho, 1798/99. Capela da ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo. Sabará, MG.

agosto de 1730, que não combina com a idade do Aleijadinho assinalada em seu registro de óbito, no respectivo livro pertencente à Matriz de Nossa Senhora de Antônio Dias, cujo teor é o seguinte: “Aos dezoito de novembro de mil setecentos e quatorze, faleceu Antônio Francisco Lisboa, pardo, solteiro, de setenta e seis anos, com todos os Sacramentos ecommendado e sepultado em cova da Boa Morte e para clareza fiz passar este assento e que assigno, o coadjutor José Comº de Moraes.” (MARTINS, 1974, vol. 1, p. 366-367).

Por aí se verifica que Aleijadinho morreu em 1814, com 76 anos, que vem deslocar a data de seu nascimento para o ano de 1738.

O próprio Bretas, aliás, parece ter tido conhecimento desse assento de óbito, pois no original manuscrito de seu *Traços Biográficos*, indica como data de nascimento de Aleijadinho o ano de 1738, justificada por uma nota de rodapé na qual admite que “Esta é uma opinião fundada no Assento de seu óbito.” Estranhamente, no entanto, no texto publicado, a nota foi suprimida, sendo mantida a data correspondente ao assento de batismo. Na verdade, era necessário manter a coerência de sua biografia, eliminando qualquer

ponto de contradição. E, neste caso, parece que o assento falou mais alto.

Apesar de muitos autores contestarem o fato de Rodrigo Bretas querer afirmar que a criança ali batizada seja o Antônio Francisco Lisboa, principalmente porque nele se menciona o nome de um Manuel Francisco, ainda que da Costa, agnome este nunca mencionado em qualquer outro documento conhecido referente ao mestre Manuel Francisco Lisboa, o certo é que a informação devida ao Bretas tem sido utilizada frequentemente pela historiografia da arte colonial mineira. Isso de maneira integral ou em parte, ou seja, ora se mantendo *ipsis litteris* a data estabelecida por Bretas, inclusive filiando Aleijadinho à mãe Isabel, ora tomando o assento de batismo por verídico, mas emendando a data de 1738, para coincidir com a idade informada no assento de óbito; outros ainda, para preservar o assento de batismo, buscam alegar que a idade mencionada no óbito pode ter sido lançada erroneamente ou trata-se de um erro do copista; mesmo porque, em uma época em que não havia documentos de identidade, as pessoas tendiam a equivocarem-se quanto à sua idade exata, deixando dúvidas geralmente indicadas em documentos com a expressão: “fulano de tal, de tantos anos, para mais ou para menos.” Enfim, apesar das variações, o importante foi querer se preservar este registro de batismo, pois afinal de contas era o único que se conhecia de um tão renomado artista que viveu em Minas Gerais na época colonial, criador de um fantástico mundo de pedra e madeira sem igual no Continente Americano.

O próprio Germain Bazin, autor de uma das mais substanciais obras sobre o artista mineiro, ao discorrer sobre a questão de seu nascimento, não desautoriza nem uma nem a outra data (BAZIN, 1971, p.85-88). Já Sylvio de Vasconcelos, autor de outra obra atilada sobre Aleijadinho, não chega a um consenso sobre qual seria a data correta de seu nascimento e, curiosamente, em outro texto de sua lavra de pouco tempo depois, referente a uma publicação comemorativa, admite

categoricamente o ano de 1730 como o do seu nascimento (VASCONCELOS, 1979, p. 10 e 1983, p. 57).

Pareceu-me muito importante averiguar qual seria então a verdadeira data de nascimento de Antônio Francisco Lisboa. Afinal de contas, uma diferença de oito anos – 1730 para 1738 – é relativamente determinante para se averiguar o desenvolvimento artístico de um artista. No caso de Aleijadinho, se nasceu antes, sua primeira obra documentada, de 1761, seria executada aos 31 anos de idade; se depois, ele teria 23 anos ao executá-la, o que denuncia certa precocidade no campo das artes por parte de nosso artista.

Desvendando o mistério. Um dado que chama a atenção no assento de Batismo que se valeu Bretas para indicar o provável nascimento de Aleijadinho em 1730, é a passagem na qual se diz: “Manoel Francisco da Costa do Bom Sucesso.” O próprio Bretas, no início de seu *Traços Biográficos* já informa que Aleijadinho nasceu no arrabalde de Ouro Preto, no lugar denominado Bom Sucesso. Descrição que se alinha a documentos da época que situam o Bom Sucesso no “arrabalde” da antiga Vila Rica. O nome do lugar vem de um ribeirão descoberto pelo bandeirante Bento Fernandes Furtado, por volta de 1701, que lhe deu o nome de Nossa Senhora do Bom Sucesso, em homenagem à padroeira de sua cidade de origem, Pindamonhangaba, em São Paulo. Curioso, neste caso, é que o primitivo orago dedicado a Nossa Senhora do Bom Sucesso nessa cidade paulista foi erguido, em fins do século XVII, pelo padre João de Faria Fialho, que veio a ser o descobridor de ouro no córrego e localidade que perpetuaria o seu nome, o Padre Faria, em Ouro Preto, nos albores do século XVIII.

Através desses documentos, fica-se sabendo ainda que tal ribeirão situa-se “onde embocam todos os córregos de Ouro Preto, Antônio Dias e Padre Faria.” (MATOSO, 1999, vol. 1, p. 179).

Bom Sucesso era um lugar que ficava, por essas informações, lá no fundo do Padre Faria ou lá pelas bandas da capela de Bom Jesus das Flores da Taquaral, no

Foto: Lucienne de Almeida Elias



Figura 4 - Última Ceia. (Det.). Esculturas em madeira policromada. Tamanho natural. Primeira capela. Basílica do Bom Jesus de Matosinhos. Congonhas, Minas Gerais

caminho de saída para a antiga Vila do Carmo, atual Mariana. Por volta de 1730, época a que se refere o assento de batismo, o local deveria ficar isolado da área mais urbana da vila, acessível através de caminhos ainda precários. É de se duvidar que o mestre Manuel Francisco Lisboa, sendo o mesmo Manuel Francisco da Costa, residisse em um local tão afastado, ainda mais, tratando-se de um oficial muito requisitado naqueles tempos.

No entanto, a história começou a se desvendar a partir de informações levantadas em documentos (códices e avulsos) referentes à Câmara Municipal de Ouro Preto (CMOP) e Casa dos Contos (CC), pertencentes ao Arquivo Público Mineiro (APM).

A primeira informação refere-se a uma lista de pessoas “que não de pagar donativo a sua magestade no presente ano de 1730, no distrito de Padre Faria, Tacoaral e Bom Sucesso”, na qual se menciona o nome do morador, a sua atividade (se um oficial mecânico ou um dono de loja) e o número de escravos. Ao final dessa lista, já se referindo ao Bom Sucesso, encontra-se o nome de Manuel Francisco da Costa, para o qual não se menciona nenhum ofício, provavelmente se tratasse apenas de um minerador. E este Manuel Francisco da Costa é certamente o mesmo indivíduo

apontado no assento de batismo de “Antônio”, e morador no Bom Sucesso (APM/CMOP, Cx. 02, Doc. 55).”

Reforça essa constatação a presença, na mesma lista, do nome de Antônio dos Reis – o padrinho da criança no assento de Batismo –, inscrito uma linha acima do nome de Manoel Francisco da Costa, indicando com isso que eram praticamente vizinhos lá no Bom Sucesso.

O nome de Manoel Francisco da Costa é citado ainda nas listas de “Pessoas que não de pagar os donativos reais em Padre Faria, Tacoaral e Bom Sucesso”, nos anos seguintes de 1731 e 1733, sem declarar a sua ocupação, mas indicando ser possuidor de 5 e 4 escravos, respectivamente (APM/CC, Cx. 121, planilha 20863 e Cx. 142, planilha 21281).

Pela mesma época, 1730, existe outra lista idêntica para os moradores da freguesia de Nossa Senhora de Antônio Dias, na qual consta o nome de Manuel Francisco Lisboa, exercendo a sua atividade de carapina, e declarando ser possuidor de 15 escravos (APM/CMOP, Cx. 02, Doc. 34).

Em outra lista, “Das pessoas que deveriam pagar foro a Câmara de Vila Rica”, do ano de 1739, aparece novamente o nome de Manuel Francisco Lisboa, como morador na “rua da Cadeia Velha

para a parte sul” e sendo devedor de $\frac{1}{2}$ oitava de ouro por duas braças de terra” (APM/CMOP, Cx. 11, Doc. 27).

O inventário dos bens que ficaram, de Manuel Francisco Lisboa, de 1768 – o mestre morreu em 07 de junho de 1767 –, traz a informação que ele residia na Barra de Antônio Dias, o que condiz com a informação contida na lista dos devedores acima mencionada (ANUÁRIO, 1954, p.123).

Por esses documentos citados, verifica-se que Manuel Francisco Lisboa sempre residiu, desde a década de 1730, quando seu nome começa a figurar com maior frequência nos documentos, no lado de Antônio Dias, mais exatamente na sua Barra. E não consta em nenhum documento daquela época que tenha morado nos arrabaldes de Vila Rica, como o Bom Sucesso.

Por fim, outro códice referente a uma “Lista dos contribuintes para o Real Donativo”, vem colocar um ponto final nessa questão, em favor da duplicidade dos Manueis, visto que os dois nomes constam em uma mesma lista, do ano de 1729: Manuel Francisco Lisboa, possuidor de 15 escravos, listado no distrito de Antônio Dias, e Manuel Francisco da Costa, com 3 escravos, listado lá no Bom Sucesso (APM/CMOP, Cód. 24, fl. 72 e 75 v). Destas informações infere-se cabalmente, portanto, que Manuel Francisco Lisboa não é a mesma pessoa por nome Manuel Francisco da Costa, morador do Bom Sucesso, que em 29 de agosto de 1730 conduz à pia batismal da Matriz de Antônio Dias a criança por nome Antônio, filho de uma escrava sua chamada Isabel. De onde se deduz, então, que Antônio Francisco Lisboa não nasceu em 1730 e nem teve por mãe uma escrava chamada Isabel. Tais informações, ao que tudo indica, resolve a questão da data de nascimento do Aleijadinho. Mas e quanto à questão de sua paternidade?

Bretas foi, sem dúvida, o primeiro a afirmar que Antônio Francisco Lisboa era filho do mestre português Manuel Francisco Lisboa. Para chegar a essa

constatação, ele deixou-se guiar pelas informações contidas em um trecho de um documento hoje perdido – e reproduzido em sua biografia do artista –, o *Registro dos factos notáveis da Capitânia*, escrito por ordem da rainha D. Maria I, por volta de 1790, pelo segundo vereador da Câmara de Mariana, o capitão Joaquim José da Silva.

No referido trecho aparecem duas passagens nas quais o autor filia Aleijadinho a Manuel Francisco Lisboa: “(...) a matriz de Caeté, feita por Antônio Gonçalves Barcarena, debaixo do risco, do sobredito Lisboa, cede nas decorações e medidas à matriz de Morro Grande, delineada por seu filho Antônio Francisco Lisboa”, e “(...) os grandes estudos e modelo de escultura feitos pelo filho e discípulo do antigo Manuel Francisco Lisboa (...)”. Bretas, certamente, embasado por essas passagens tenha se empenhando em ver naquele assento, em função do nome quase semelhante de Manuel Francisco ali contido, o verdadeiro registro de batismo do famoso escultor.

Pelo fato do Livro da Câmara, destinado ao “*Registro dos factos notáveis*”, nunca ter sido mais encontrado, muito se duvidou dos dados apontados por Bretas em sua biografia do Aleijadinho. No entanto, à luz de novas pesquisas e descoberta de documentos inéditos, sabe-se que realmente existiu uma Ordem Régia, datada do ano de 1782, determinando se fizesse as memórias dos fatos notáveis e que várias câmaras cumpriram essa ordem, efetuando estas crônicas desde 1785 até o século XIX. Igualmente corrobora a existência do Livro, o fato de que muitas informações sobre obras e artistas reveladas no trecho transcrito na Biografia de Bretas poderem ser comprovadas por outros tipos de fontes documentais, o que pode reforçar a possibilidade de ser Aleijadinho realmente filho de Manuel Francisco Lisboa, já que por volta de 1790, quando foi elaborado o relato da Câmara, essa notícia devia ser pública e notória entre os moradores de Vila Rica, mesmo depois de decorrido 23 anos da morte do mestre português. O autor do relato estaria apenas repassando essa informação, já

Fonte: internet: msn.lilianpacce.com.br



Figura 5 - Profeta Daniel (det.). Pedra sabão. Aleijadinho. (1799-1801) Tamanho natural. Basílica do Bom Jesus de Matosinhos, Congonhas, Minas Gerais.

que oficialmente nunca se encontrou nenhum documento atestando tal paternidade. O que existe, a exceção dessa notícia, são meras suposições em função da coincidência do sobrenome “*Francisco Lisboa*” e do fato dos dois terem seus nomes relacionados a obras comuns em vários locais, principalmente em Vila Rica.

É sabido que Manuel Francisco Lisboa, como ocorreu com muitos outros homens brancos daquela época, costumava-se envolver em relações, tidas por ilícitas, com mulheres negras, forras ou escravas, uma das quais poderia ter resultado no próprio nascimento de Antônio Francisco. Em 1734, por exemplo, Manuel foi pronunciado juntamente com outro carpinteiro de nome Teodósio Francisco por terem tratado ilicitamente com a forra Francisca Alves da Costa. (MARTINS, 1974, vol. 1, p. 381).

Curioso é que Manuel Francisco veio a contrair matrimônio em 1738 com Antônia Maria de São Pedro, de cuja relação nasceram os seguintes filhos: Maria da Conceição Lisboa (nascida por volta de 1743), Joaquina Francisca Lisboa (± 1750), Madalena Tereza de Jesus (± 1754) e Félix Antônio Lisboa (± 1757). Portanto, se Antônio Francisco veio ao mundo em

1738, como se deduz a partir de sua idade constante no assento de óbito, em cujo ano se deu o casamento de Manuel Francisco, teria sido ele gerado antes do casamento ou em meio deste? Trata-se de uma questão de difícil solução, mas um dado é certo: Manuel Francisco, como bom português que era, casado ou não, teve um achego com uma negra escrava, de seu plantel ou do de outro senhor, ou mesmo uma negra forra, e desse relacionamento carnal nasceu o nosso Antônio Francisco Lisboa. Nesse aspecto, aliás, o próprio Bretas afirma em uma nota da sua Biografia, edição de nº 170, que “Manuel Francisco Lisboa tinha da mãe do Aleijadinho mais dois filhos”, porém não indicando quem eram e nem de onde colheu essa informação.

O certo é que, perpetuado na História como o verdadeiro pai de Aleijadinho, Manuel Francisco irá participar ativamente da carreira do filho, como emenda o próprio Rodrigues Bretas no início de sua narrativa biográfica: “(...) depois de muitos anos de trabalho, tanto nesta cidade, como fora dela, **sob as vistas e risco de seu pai**, que então era tido na província como primeiro arquiteto, encetou Antônio Francisco a sua carreira de mestre de arquitetura e escultura”. (Destaque nosso).

E de crer que Aleijadinho, para estreitar esse contato com mestre Manuel, viesse a manter uma residência fixa, apesar do caráter itinerante de sua atividade, no mesmo bairro do pai, Antônio Dias, em uma casa situada na “*Rua Detrás de Antônio Dias*”, contígua à igreja Matriz, que costumava frequentar, levado às costas por seu escravo Januário, como nos informa o próprio Bretas. Constatação esta em concordância com um documento da época, referente a uma relação de cobrança de foros em Vila Rica, do qual consta o nome de Antônio Francisco Lisboa, indicado como pardo, mas sem fazer referência à sua ocupação, que pagou 154 réis de foro, e residindo no trecho que ia da “Praça até a ponte de Antônio Dias”. O documento perdeu a primeira folha, dificultando precisar a sua data, porém deve ser anterior a 1789, pois nele consta também o nome do poeta e inconfidente Cláudio Manoel da Costa, morador no mesmo trecho, que morreu na

Fonte: Internet: www.abril.com.br - Carol do Valle/Quatro Rodas



Figura 6 - Profeta Isaias (Det.). Pedra sabão. Aleijadinho. (1799-1801)
Tamanho natural. Basílica do Bom Jesus de Matosinhos. Congonhas, Minas Gerais.

prisão em 1789. Nessa relação aparecem ainda lançados os nomes do mestre carpinteiro Manoel Francisco de Araújo e dos pintores João de Carvalhais (pintura da Matriz do Pilar) e João Batista de Figueiredo (pintura das igrejas Matriz e do Rosário em Santa Rita Durão), como morador “da ponte de Antônio Dias até o Alto da Cruz” (APM/CMOP, Cx. 86, Doc. 43).

Referências bibliográficas

Anuário do Museu da Inconfidência. Ouro Preto: Ministério da Educação e Saúde/Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Ano III, 1954.

BAZIN, Germain. *O Aleijadinho*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1971.

BRETAS, Rodrigo José Ferreira. *Traços Biográficos relativos ao finado Antônio Francisco Lisboa*. In: Correio Oficial de Minas. Ouro Preto: Tipographia Provincial, Ano II, nºs 169 e 170, 19-23/agosto, 1858.

Códice Costa Matoso. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1999, 2 volumes.

MARTINS, Judith. *Dicionário de Artistas e Artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Departamento de Assuntos Culturais/Ministério da Educação e Cultura, 1974 (Publicações do IPHAN, nº 27, vol. 1).

VASCONCELOS, Sylvio de. *Vida e Obra de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979 (Coleção Brasileira, vol. 369).

_____. *Vida e Arte do Aleijadinho*. In: Aleijadinho. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, 1983.

* **Célio Macedo Alves** é Doutor em História pela Universidade de São Paulo. Pesquisador da arte colonial mineira e professor adjunto da Universidade Federal de Ouro Preto.

DOAÇÕES

O Ceib agradece ao Diretor do Departamento de Bens Móveis e Integrados do Inepac, Rafael Azevedo Fontenelle Gomes, a doação dos seguintes livros para nossa Biblioteca Helena David:

Memória da arte franciscana na cidade do Rio de Janeiro: Convento e igreja de Santo Antônio, Igreja da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência. Anna Maria Fausto Monteiro de Carvalho, Rosa Maria Costa Ribeiro e Cesar Augusto Tovar Silva.

A igreja de Santo Inácio: Cem anos de história. Cesar Augusto Tovar Silva.

Nossos agradecimentos também a Dra. Maria Regina Emery Quites, vice-presidente do Ceib, que doou o livro:

Os Terceiros e os seus SANTOS DE VESTIR: Os últimos guardiões do patrimônio franciscano na cidade da Ribeira Grande, São Miguel, Açores. Autor: Duarte Nuno Chaves.

CEIB

Presidente de Honra: Myriam A. Ribeiro de Oliveira; Presidente: Beatriz Coelho; Vice-Presidente: Maria Regina Emery Quites; 1ª Secretária: Carolina Maria Proença Nardi; 2ª Secretária: Lucienne de Almeida Elias; 1º Tesoureira: Daniela Cristina Ayala; 2º Tesoureira: Grasiela Noslasco Ferreira.

ENDEREÇO

Avenida Antônio Carlos, 6627.
31.270-010, Belo Horizonte, MG,
Tel: (55) 31 3409-5290
ceib@ceib.org.br; Site: www.ceib.org.br
face Book: ceib

BOLETIM

ISSN: 1806-2237;

Projeto gráfico, arte e editoração: Helena David (*In memoriam*), Beatriz Coelho; Tiragem 500 exemplares; Periodicidade: quadrimestral

Os artigos assinados são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a opinião do BOLETIM DO CEIB.

É permitida a reprodução de fotos ou artigos desde que citada a fonte.